



Universo do
CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

UNIVERSIDADE SÃO MARCOS – 08/11/2005

PALESTRA DE CARLOS BYINGTON

“O RETORNO DA ALMA À UNIVERSIDADE”

CARLOS BYINGTON – Depois de aceitar o honroso convite de Luciane Miranda de Paula, vice-reitora Acadêmica da Universidade São Marcos, para fazer uma conferência sobre a Alma, senti que o título da palestra deveria ser "O Retorno da Alma à Universidade", porque assim podemos situar a palestra dentro da História.

Quando a ciência tomou o poder da religião no controle da Universidade, no final do século XVIII, o conceito de alma foi afastado junto com a religião. A interpretação habitual que se dá para esse afastamento é que a religião explica o mundo pela fé, como uma verdade permanente e, por isso, é incompatível com o método científico, que constrói a verdade, sujeita a todo o momento à livre pesquisa e à demonstração racional e objetiva. O método científico mostrou-se muito mais produtivo que o referencial religioso para conhecer e transformar o mundo e, por isso, dominou a Universidade, proporcionou a implantação da industrialização e passou a ocupar um lugar privilegiado na cultura. Essa explicação é uma generalização, que não inclui a problemática da separação entre ciência e religião e suas conseqüências, especialmente no contexto no qual essa separação ocorreu no Ocidente. Por isso, quero revisitar esse tema com vocês e buscar reencontrar a alma na Universidade dentro da ciência, com a mesma importância que ela tem dentro da religião. Mas, para isso, necessitamos rever o processo histórico e examinar a terrível ferida que se abriu na cultura ocidental quando o objetivo se separou do subjetivo e a alma foi expulsa da Universidade. Acompanhem-me nessa viagem pela História até chegarmos à Idade Média, há mil anos atrás.

Nessa época, a Universidade ainda não tinha nascido, mas seu pai, o monastério, estava em plena maturidade. A vocação dele era cultivar o mito cristão e seus monges foram, aos poucos, aprendendo o ensinamento da compaixão: "amar ao próximo como a si mesmo". Junto com suas orações, traduziam para o latim todo o conhecimento acumulado pelas culturas grega, judaica e árabe. No entanto, sofriam a pressão de uma força profundamente anticristã. A organização patriarcal herdada do Império Romano deformou o mito cristão, durante sua institucionalização, devido ao patrulhamento ideológico do Santo Ofício, que tinha uma atuação grandemente ameaçadora na vida íntima dos monastérios. Apesar de a Inquisição ter sido oficializada somente no século doze, a perseguição aos que tinham versões alternativas da verdade preconizada pela Igreja nasceu praticamente com a institucionalização do cristianismo no ano 325. Era natural que um símbolo com a força do Cristo fosse elaborado de mil maneiras, cada uma enfatizando um

dos seus inúmeros significados. Mas, as versões alternativas foram consideradas heresias e seus crentes duramente perseguidos e submetidos à prisão, à tortura e até à morte. Quando, no Renascimento, os monastérios se transformaram em Universidades e se abriram para a sociedade laica, essa censura repressiva tomou-se cada vez mais incompatível com a busca da verdade que construía o espírito científico dentro e fora da Igreja.

O cristianismo é hoje uma religião institucionalizada. O mistério da Paixão e o mito messiânico que o envolve são aprendidos no catecismo e expressos nas orações durante a missa. O pecado está codificado pelo Direito Canônico e a confissão e a absolvição são intermediadas por sacerdotes. Mas durante sua implantação isso não foi assim. A busca de salvação era uma peregrinação comunitária viva em direção à totalidade, guiada por uma revelação emocional. O pecado era vivenciado como um descaminho, como aquilo que afasta a alma de Deus.

Não é por acaso que os dois principais épicos da Índia foram escritos por dois grandes poetas: o *Ramayana*, por Valmiki, e o *Mahabharata*, por Vyassa. O *Novo Testamento* não é apenas um relato histórico. Antes de tudo, ele é um poema épico que descreve por metáforas a peregrinação de Jesus na encarnação do Messias, dentro da problemática do seu tempo. O Messias cristão é tudo, menos alguém que ensina dogmaticamente o caminho. Jesus prega a transformação da personalidade com a metáfora da salvação e guia a comunidade através da sua emoção, do amor e da sua própria fé. Percebido existencialmente, o pecado é o descaminho da pessoa que se afasta de si mesma, do seu potencial maior que a chama para encontrar o todo na sua própria auto-realização.

Esse caminho é subjetivo e irracional porque é emocional, mas também é objetivo e racional porque se realiza na sociedade e na cultura, entre as coisas do mundo. O caminho e o descaminho daqueles que buscam a totalidade é melhor descrito pelos poetas, porque eles são os artistas das metáforas, capazes de descrever esta estrada com a razão e a fé. Essa jornada se faz em grande parte na escuridão, durante a qual o Ser, ao mesmo tempo, almeja a totalidade e sofre por não tê-la. Por isso, ela foi descrita por São João da Cruz como "A noite escura da alma", o sofrimento daquele que, depois de sentir o gosto da totalidade, por alguma circunstância dela se afasta. O poeta dirige-se a Deus em nome da alma:

"Aonde te escondeste, amado, e me deixaste gemendo?"

Fugiste como um cervo depois de me haver ferido.

Saí atrás de ti, mas já te havias ido!"



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

João da Cruz descreve o sofrimento da alma que vivencia e depois perde o todo e, a seguir, reitera sua dedicação permanente à busca do reencontro. O poeta dirige-se a Deus mais uma vez em nome da Alma:

“Pastores, vocês que forem além do cume destes montes
Se porventura virem Aquele que eu mais amo
Digam-lhe que adoço, sofro e morro.”

Vamos guardar essa afirmação do poeta, de que a alma pode se aproximar ou se afastar de Deus, para compreender o que é a alma na psicologia.

Considera-se, às vezes, a Idade Média como a “Idade das Trevas” devido ao grande sofrimento de suas guerras e da peste. Essas trevas foram também “a noite escura da alma” da cultura ocidental, porque, na intimidade dos mosteiros, os monges seguiram o sofrimento do Messias e mergulharam na busca da totalidade. No exame de consciência descobriram a natureza profundamente emocional e humana do pecado e puderam percebê-lo como o descaminho do Ser. O encontro com a sabedoria da Antigüidade fez com que os monges vivenciassem profundamente a ignorância como pecado, diante da sabedoria de Deus. As reuniões entre os mosteiros tornaram-se ocasiões propícias para o exercício da dialética, a arte de bem pensar. O homem medieval era guiado pela liderança e sabedoria dos santos, dentre os quais distinguiu-se Agostinho que, já a partir do século V, recobriu as paredes dos mosteiros com a fé introvertida e platônica, que exalava espiritualidade e que, durante séculos, isolou esses monges do mundo.

Essa subjetividade tão exuberante encontrou nas traduções diárias do árabe, grego e hebraico para o latim um poderoso catalisador, que ativou a busca do todo não somente pela fé, mas agora também pelo conhecimento. O caldo de cultura atingiu uma concentração tão grande de energia, que transbordou as muralhas dos mosteiros e derramou-se pelo mundo. Foi nessa atmosfera de tensão criativa que os sentimentos, altamente desenvolvidos na penumbra introvertida, necessitaram se exercer no cotidiano. Dos subterrâneos da vida mística aflorava uma nova luz. O mundo interno necessitava do mundo externo para formar um todo. E ele veio. E como veio! No século XIII, o monge Tomás de Aquino escreveu a *Summa theologica*, que reuniu grandiosamente as inúmeras formulações da filosofia medieval cristã para compreender a totalidade. O guia para implementar essa caminhada rumo à objetividade estava ali, à mão, pois dentre as traduções acumuladas nos mosteiros, encontravam-se os escritos de Aristóteles. O último grande discípulo de Platão havia conduzido a introversão deste para a extroversão e guiado o pensamento grego para a filosofia da natureza. A reunião de Tomás de Aquino e Aristóteles na síntese aristotélico-tomista inspirou a transformação dos mosteiros nas universidades, anunciando a encarnação do Mito Cristão na cultura, através da criatividade vulcânica das artes, das ciências e da sóciopolítica do Renascimento. A busca da totalidade incluiu as forças da natureza e, seguindo



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

Aristóteles como arauto, foi procurar nos tesouros da Grécia Antiga os símbolos para sua expressão. Caiu a economia feudal e surgiu no seu lugar a burguesia capitalista. Junto com a representação do *Anthropos*, o homem pleno de Vitruvius, representado magnificamente por Leonardo da Vinci, o burguês foi eleito cidadão do mundo, consagrando o lugar ao sol de cada um não mais pela condição de nascimento, mas por sua produtividade como operário.

O humanismo cristão do homem pleno no Renascimento era a expressão do Mito Messiânico do arquétipo da alteridade, que conjuga as polaridades. Ao invés da manifestação maniqueísta, na qual um pólo invalida o outro na consciência, na alteridade as polaridades coexistem num relacionamento dialético. O arquétipo da alteridade é o arquétipo da democracia, capaz de reunir o capitalismo e o socialismo, a ciência e a religião.

Ao se ocupar do culto de Deus e dos profetas, a religião não é incompatível com a ciência. O que é incompatível é a interpretação do mundo e o comando da sociedade em nome da visão religiosa. A prova disto é que os gênios pioneiros das ciências modernas, cientistas como Copérnico, Galileu, Descartes, Newton, Kepler e Leibnitz eram todos cristãos e religiosos. O mito cristão, que, junto com o mito do Buddha, introduziu o arquétipo da alteridade e a relação de compaixão na história, baseada no sacrifício de Jesus por amor, em nada dificultava a pesquisa e o método científico. O culto do Messias na missa e a presença do Seu corpo e do Seu sangue na Eucaristia, como milagre da fé, era uma questão emocional, que não limitava a ciência e até estimulava a vivência de cada nova descoberta como revelação crescente do espírito criador, presente em todas as características da vida e do universo. Como tão bem expressou o poeta, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

O problema dos cientistas era com a manipulação que a Inquisição fazia da crença no Cristo para controlar dogmaticamente o saber. Esse uso dogmático do saber estava relacionado com a corrupção da pregação do Cristo, em função da ditadura do poder econômico e político da Igreja. Ao examinar a terra, os céus e todas as forças da natureza, os cientistas estavam imbuídos da mesma busca de totalidade que inspirava os peregrinos da salvação cristã. Os alquimistas, precursores da química moderna, eram tão imbuídos dessa religiosidade que faziam suas pesquisas no *labor oratorium*, onde ciência e religião eram uma só ocupação. Suas operações alquímicas buscavam a pedra filosofal em meio ao crescente conhecimento da matéria, pois, como demonstrou fartamente Jung, a busca da transformação dos metais em ouro não se referia ao ouro vulgar, mas dizia respeito claramente ao crescimento espiritual do próprio alquimista durante as pesquisas. Isso se esclarecia ainda mais quando explicitavam que a pedra filosofal era o filho dos filósofos, o próprio Cristo. Este era o exercício da alteridade, na qual o subjetivo e o objetivo são inseparáveis. Não foi por acaso que Darwin, séculos mais tarde, descobriu o ser humano inserido na escala evolutiva, que Teilhard de Chardin concebeu a formação do sistema nervoso e da consciência a partir da complexificação da matéria, e que hoje as descobertas das neurociências nos permitem encontrar os



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

correspondentes da nossa vida espiritual nos neurotransmissores e, até mesmo, postular dentro de nós a existência do arquétipo de Deus como o arquétipo central do sistema nervoso que nos impulsiona em direção à totalidade.

Quando compreendemos os mitos da humanidade como a projeção dos arquétipos do sistema nervoso, descritos por Jung, e nos damos conta que os dois mitos de alteridade - da busca do outro pela compaixão, os mitos do Cristo e do Buddha - são mitos de encarnação, compreendemos melhor como a síntese aristotélico-tomista levou a alma cristã em direção ao conhecimento do universo. A própria noção renascentista de "alma do mundo" já expressa a vivência do Cristo encarnado na história e no conhecimento. Por isso, o famoso *Anthropos*, de Leonardo, é a imagem que talvez melhor ilustre essa busca do conhecimento de todas as coisas e, ao mesmo tempo, da auto-realização espiritual. A Universidade, no Ocidente, não foi fundada sobre a erudição que conhece o mundo, mas sobre a sabedoria que conhece o espírito como expressão do mundo. Mas, qual será o elo de união da mente, do espírito que conhece a si mesmo e do espírito que conhece o mundo? Onde está, no ser humano, a ponte entre as polaridades?

Quando Galileu olhou o céu com o telescópio e descobriu as quatro luas de Júpiter e Giordano Bruno estudou os mistérios de Ísis no Egito Antigo, eles o fizeram como gênios do Renascimento, que quanto mais maravilhas descobriam no mundo, mais enalteciam o Espírito Santo como a inteligência criativa do universo, humanizando o saber no mito da Encarnação. Mas a Congregação para a Doutrina da Fé não pensava assim. Encastelados em sua corte romana, os cardeais da Inquisição queriam dominar o saber e controlá-lo politicamente com o que achavam que sabiam. O universo, os céus e a terra deviam permanecer para sempre os mesmos, como são mencionados na sua leitura da *Bíblia*, que não permitia metáforas. Sentiam que seu poder político, que usava o Cristo e legislava em nome de Deus, estava ameaçado pelos novos conhecimentos. Abriu-se um processo contra Galileu e Giordano em meio a muitos outros dentro da comunidade cristã. A acusação era sempre a mesma: heresia. Galileu, o príncipe símbolo dos cientistas do Renascimento, foi obrigado a se ajoelhar diante de cinco cardeais e a negar suas descobertas. Depois de negá-las, foi condenado à prisão domiciliar até o fim de sua vida. Giordano Bruno foi torturado e condenado à morte. No primeiro ano do século XVII, uma fogueira consumiu seu assassinato no centro de Roma. Até hoje, sua estátua lá está, lembrando aos passantes os horrores da Inquisição. Pode-se imaginar a persecutoriedade e a indignação da comunidade científica diante do terrorismo adotado em nome do Cristo e de Deus. Durante dois séculos, a Inquisição ainda manteve o seu poder na Universidade através da exigência do famigerado imprimátur, a licença obrigatória da Igreja para qualquer publicação.

Não foi por acaso que o poder da Igreja sobre o saber na Universidade caiu junto com a Monarquia na Revolução Francesa. Era a República e a Democracia que se anunciavam, quando a ciência tomou o poder na Universidade. A religião e a alma foram expulsas, não pelo que eram, mas pelo que a Inquisição havia feito com elas para controlar o saber. Nem por isso as conseqüências dessa expulsão foram menos desastrosas.



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

Durante os séculos dezessete e dezoito, os enciclopedistas levantaram, no Iluminismo, suas reivindicações socialistas de igualdade, liberdade e fraternidade, que culminaram na rebelião contra a tirania da Inquisição na Universidade e redundaram na sua expulsão junto com a religião. Ao usufruirmos hoje de todas as maravilhas trazidas pela ciência, no entanto, pouco nos damos conta do quanto a sua vitória retumbante sobre a Inquisição foi, ao mesmo tempo, uma vitória de Pirro, pois mutilou gravemente nossa cultura ao dissociar metodologicamente o subjetivo do objetivo. O homem pleno, do Renascimento, foi dissociado. A Universidade separou-se da alma e o fantasma de Frankenstein ocupou o seu lugar.

Junto com o dogmatismo e a intolerância da Inquisição, foi afastada também da Universidade toda a subjetividade e, com ela, a introversão, a emoção, o sentimento, a ética, a intuição e, por conseguinte, a relação emocional com a vida, a ecologia e o universo, que era vivida até então através da fé na totalidade. O método científico restringiu a verdade à objetividade e as funções psíquicas à extroversão, ao pensamento e à sensação. O currículo foi dividido entre ciências exatas e ciências humanas, desde o segundo grau. Estamos tão acostumados à dissociação subjetivo-objetivo que não nos damos conta da sua gravidade e das suas conseqüências mutilantes na vida diária, no ensino e na cultura de um modo geral. No entanto, basta raciocinarmos com um mínimo de bom senso para percebermos essas deformações. Como se explica que um homem e uma mulher possam, com exceção da psicologia, se formar, fazer seu mestrado e até doutorado em engenharia, administração, medicina, direito, pedagogia ou até mesmo em filosofia, sem terem estudado absolutamente nada sobre o amor? Sobre como o amor parental forma ou deforma a personalidade? Como o amor familiar afeta o rendimento nos estudos dos alunos? Qual a importância do amor na relação professor-aluno? Como se pretende ensinar às pessoas que aprendem uma profissão para sustentar uma família, sem a eles nada ensinar sobre as dificuldades do amor conjugal? Sem aprender um mínimo sobre a relação entre afeto e agressividade na educação dos filhos? Em certas escolas secundárias já faz parte do currículo o ensino do conhecimento dos órgãos sexuais, o que já é um grande avanço. No entanto, em minha longa experiência como educador, nunca vi uma só pergunta de vestibular ou de alguma matéria qualquer, pedindo a diferenciação entre o sexo e o amor. O outro grande tema excluído da Universidade, dentre muitos outros, é a relação com a morte e a transcendência. Até mesmo os médicos, que convivem permanentemente com a morte, sabem lutar contra ela, mas quando a morte realmente se impõe, lavam as mãos como Pôncio Pilatos e não sabem mais o que dizer a seus pacientes. Das duas uma: ou a ciência e o ensino universitário estudaram e concluíram que o amor, a morte e a transcendência não têm nenhuma importância, ou a dissociação subjetivo-objetivo vetou, até hoje, o estudo do amor e da morte em todos os currículos de todas as matérias na Universidade com exceção da teologia e da psicologia, e, mesmo aí, com grandes limitações.

Mas, por que falar sobre o amor, a morte e a transcendência quando o assunto da nossa palestra é a alma? Para responder, precisamos ver um pouco mais sobre o subjetivo banido. Como não poderia

deixar de ser, pelo fato de fazer parte do todo, ele voltaria um dia à Universidade, ainda que fosse por caminhos muito tortuosos e difíceis.

A cultura se comporta como um organismo vivo, um verdadeiro *self* cultural, cujas partes se inter-relacionam para cumprir as funções do todo. Por isso, a subjetividade, excluída da Universidade, não desapareceu, mas continuou seu desenvolvimento em todos os demais setores culturais, preparando o seu retorno. Foi através da ontologia, na filosofia, e da doença mental que o subjetivo encontrou seu caminho de volta. Mesmer e Pinel chegaram a Paris alguns anos antes da Revolução Francesa. Mesmer descobriu o poder da sugestão e Pinel retirou os loucos dos calabouços e reconheceu a doença mental como algo diferente do crime. Era o subjetivo que retornava. O emprego do hipnotismo e o estudo da doença mental, durante todo o século dezanove, abriram o caminho para a volta do subjetivo à ciência e conduziram à descoberta dos processos inconscientes e à fundação da psicologia moderna, no século XX.

No entanto, o *self* cultural e o ensino universitário já haviam se adaptado à deformação ideológica e institucional oriunda da dissociação subjetivo-objetivo e haviam até mesmo produzido o positivismo e o materialismo dialético, que tanto influenciaram a mentalidade científica e determinaram a realidade sóciopolítica do século vinte. Essa adaptação à dissociação subjetivo-objetivo apresentou uma atitude altamente reacionária diante da psicologia na Universidade, sobretudo no que concerne à influência das emoções e dos processos inconscientes. Podemos até mesmo dizer que, quanto mais emocional e irracional é uma função psicológica, maior é a resistência da Universidade em estudá-la. Começamos a compreender, assim, a dificuldade de a Universidade estudar o amor, a morte e a transcendência, apesar da sua inegável importância individual, familiar, pedagógica, social e existencial.

Quando o estudo de uma reação subjetiva necessita de vivência, aí mesmo é que a resistência à sua inclusão no currículo universitário é maior. A aliança racional na redução da verdade científica à objetividade tem sido usada como grande barreira para o estudo da subjetividade e de suas formas corriqueiras de expressão. Isso explica a paralisia do corpo na sala de aula, impedindo o uso emocional do espaço, bem como de atividades como canto, dança, dramatização e o uso de instrumentos musicais para o aprendizado de uma maneira geral. Qualquer animal, seja gato ou cachorro, está proibido de entrar no templo do saber, como símbolo do repúdio ao instintivo irracional.

No entanto, apesar de não estimular nenhuma reação emocional durante o aprendizado, a ciência é impulsionada pelo movimento em direção ao todo e essa força criativa, mesmo cerceada por toda sorte de resistências e preconceitos, continua avançando para ultrapassar a dissociação subjetivo-objetivo e englobar, cada vez mais, a dimensão subjetiva consciente e inconsciente. Assim, aconteceu que as neurociências foram descobrindo as zonas responsáveis por todas as funções e, no meio dessa extraordinária viagem, chegaram



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

ao território neurológico das emoções conscientes e inconscientes. Trata-se da alegria, da tristeza, da imaginação, do ânimo, do desânimo, da raiva, da afetividade, da ambição, do ciúme, da inveja, da atração sexual, dos gostos pela comida, pela bebida e até mesmo zonas ligadas à violência e ao crime. Por um lado, fascinamo-nos com a descoberta do enraizamento neurológico dos processos cognitivos e do conhecimento de zonas de controle das sensações e dos movimentos do corpo. Descobrimos a encarnação, a representação e o controle daquilo que na Religião se denominava o espírito e o corpo. Por outro lado, ficamos cada vez mais desconcertados com a descoberta das zonas emocionais, pois vamos aos poucos nos dando conta que elas representam tudo aquilo que chamávamos de Alma e que julgávamos banido para sempre, junto com a irracionalidade subjetiva da Religião e da fé. Assim aconteceu que Jung descobriu não só o arquétipo da alma como também o arquétipo central do *self*, que expressa a totalidade, como as mandalas. Este arquétipo é a fonte neurológica da necessidade de plenitude e, por conseguinte, é a fonte da religião e da necessidade humana de relacionamento emocional com o universo, exatamente aquilo que sempre chamamos de Deus e cultivamos pela emoção da fé.

Não vim aqui hoje dizer a vocês que a religião deva voltar a controlar a Universidade. Pelo contrário! Considero a separação entre religião, Universidade e governos uma das grandes conquistas socioculturais da civilização. As religiões são múltiplas e para se protegerem necessitam estar separadas das demais instituições, que devem cuidar igualmente de todos, independentemente do culto religioso de cada um.

O que vim lhes dizer sobre o retorno da alma à Universidade é que as neurociências descobriram que tudo o que se diz sobre ela, na religião, corresponde ao mundo das emoções, centralizado em nosso sistema nervoso e representado por imagens e funções em nossa consciência. Descobrimos que todos os neurotransmissores, que expressam qualquer função orgânica, têm sempre componentes químicos e significados racionais e irracionais (emocionais). Vemos, assim, que a razão, como espírito, e a alma, como emoção, estão inseparavelmente ligadas ao funcionamento do nosso corpo.

Baseado em minha experiência de psiquiatra, analista e educador, descrevi uma teoria e um método para a implantação da emoção no ensino, num livro que intitulei *A construção amorosa do saber*. Através dele, tracei em grandes linhas um caminho teórico e prático para uma pedagogia simbólica que propicie o retorno da alma à Universidade.

Ao descrevermos esse retorno, sabendo agora que a alma representa nosso mundo emocional, percebemos claramente que essa volta não só está em pleno andamento, como é imprescindível. Ao trazer a emoção para a Universidade e para a construção do saber na cultura, entramos num novo paradigma epistemológico, ou seja, estabelecemos uma nova maneira de conhecer. Trata-se do humanismo simbólico, inspirado no arquétipo da alteridade, que permite instalar na Universidade o paradigma do conhecimento das polaridades, que, ao unir pensamento e sentimento, razão e emoção,

conhecimento e amor, bem e mal, indivíduo e comunidade, ciência e espiritualidade, resgata o ser humano pleno do Renascimento.

DEBATE

MANUEL DA COSTA PINTO – Muito obrigado pelo convite para participar desse evento e obrigado, sobretudo, ao Dr. Carlos Byington pela palestra que nos apresentou agora. Eu vou fazer algumas perguntas minhas e das pessoas que encaminharam questões por escrito. A primeira questão que apresento ao Dr. Byington foi formulada por Abimael Melo. Ele pergunta o seguinte: depois de tantos séculos em que houve a divisão do objetivo e do subjetivo, tendo um método científico que se prima pelo objetivo, como o senhor acha que o subjetivo pode ser inserido no método científico?

CARLOS BYINGTON – Esse é o meu livro, durante ele eu descrevo esse caminho. É a volta da emoção à Universidade. Nenhuma cultura no planeta tem essa dissociação. Qualquer cultura tribal que nós visitemos apresenta os seus mitos, o seu conhecimento, juntos sempre com a movimentação corporal, com suas tradições míticas, a dança, o canto e a expressão plenamente do ser, esse próprio ser, esse *Antrophos*, esse homem de Vitruvius, do Renascimento, que é esplendor da cultura ocidental. Ele está em todas as culturas, ele é o arquétipo do homem pleno. Então há que aprender com as outras culturas, há que trazer para a sala de aula essa música, esse corpo que se expressa. No meu livro enfatizo a questão da memória. Qual é o maior problema do ensino universitário? É o esquecimento. Dez anos depois, 20 anos depois, esses jovens que gastaram 18, 22, 26, 30 anos estudando, se formando, escrevendo, quando nós vamos testar o que aprenderam, sua memória está morta, por resultados, e eles regrediram, esqueceram aquele esforço. Tanto tempo e dedicação de suas famílias, de professoras, instituições aprimoradas, tudo esquecido. Por quê? Porque faltou a vivência. O que aprendemos só com a mente, a memória, o sistema nervoso interpreta como pouco importante. Nós temos que fazer um raciocínio, atualmente, através da neurociência. Temos que pensar não como é que nós pensamos com nosso ego, mas como é que os nossos neurônios pensam sobre o que nós pensamos. E os nossos neurônios querem vivência. Os nossos neurônios, quando recebem um ensinamento exclusivamente mental, eles interpretam: isso não é muito importante, porque, se fosse, ele estaria emocionado, ele faria uma grande liberação de serotonina, estaria a adrenalina circulando, a circulação ativada, a respiração ofegante. Se nada disso acontece, vamos registrar isso para fazer a prova, é claro, mas não vamos dar grande importância existencial a isso. Já aquilo que nós vivenciamos com o coração, que nós realmente experimentamos na paixão, da dor, na emoção, na alegria, isso o sistema nervoso interpreta: isso é muito importante, isso emocionou muito, liberou muita adrenalina, isso nós vamos gravar. Isso é o ensino inesquecível. Mas para isso tem que ser um ensino existencial, um ensino do professor inteiro, presente na sala de aula com a sua emoção, com a sua alegria. Isso eu mostro no livro, é a transferência pedagógica. A transferência pedagógica é o grande catalisador do aprendizado. A gente é acostumado a ver as crianças dizerem: “Mãe, quero estudar matemática, eu vou ser matemático quando eu crescer”. A mãe se assusta: “Matemático? O que é isso?”. Aí



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

a filha responde: “Eu adoro a dona Alice. É a professora de matemática, porque ela tem um sorriso tão lindo, quando ela ensina matemática, que eu acho que a matemática é a coisa mais bonita desse mundo”. Esse é o ensino emocional, o ensino simbólico que reúne os dois. Essa vivência que a aluninha demonstrou ocorre em função da transferência pedagógica. Essa transferência é a empatia que o aluno sente da emoção do professor, da alma do professor. O aluno sente a empatia e, se aquilo vem carregado de adrenalina e serotonina, se aquilo vem mesmo, o aluno sente. Isso é importantíssimo, porque esse professor que eu tanto admiro, essa professora, eles se emocionam com isso. Então o sistema nervoso do aluno, os neurotransmissores do aluno têm a mesma reação que os nossos neurotransmissores. Aí ele vai estudar porque está motivado, porque aquilo é importante. A pedagogia, o ensino não se faz basicamente pelo o que eu digo, a grande pedagogia existencial é o que eu faço. Este, sim, é o ensinamento que penetra fundo nas pessoas com empatia.

MANUEL – Estão chegando várias perguntas, vou ter que sintetizar algumas, senão a gente não consegue colocar todas. Pegando carona no que o senhor falou, um desdobramento disso, me parece que essa questão da introdução do subjetivo no ensino está muito mais no método de ensino do que no conteúdo em si, o método de transmissão do conhecimento é que seria fundamental sofrer uma modificação e não tanto o conteúdo. Por esse viés, o ensino, por exemplo, de matemática, de física ou das ciências, enfim, o estudo de moléculas, o estudo experimental, não sofreria uma mudança em si como objeto da práxis científica de investigação, mas sim a metodologia de ensino. Se não me engano, foi isso que o senhor falou. Aí eu coloco uma pergunta de uma pessoa que não se identificou: não seria o caso de mudar os conteúdos do próprio ensino? Essa transformação do ensino que o senhor discute não exigiria também uma mudança não apenas dos métodos pedagógicos, mas também dos conteúdos? Avançando um pouquinho, a partir do momento em que se reintroduzir essa subjetividade no saber científico, continuará havendo validade no estudo científico, tal como ele é exercido e praticado hoje no mundo?

CARLOS BYINGTON – Com certeza. Como eu descrevi nesse livro, a entrada do subjetivo é revolucionária no método de ensino, esse se transforma completamente num envolvimento emocional entre professor e aluno, motivacional, que inclusive não é avaliado necessariamente pelas provas. As provas são conseqüências naturais, quase que burocráticas. A avaliação do ensino no nível emocional se faz no aqui e agora, se faz no olho no olho. Se eu estou olhando para um aluno e, pela minha empatia de professor simbólico, não sinto no seu olhar a presença da sua emoção, da sua alma, essa avaliação é feita agora, eu tenho que me corrigir, tenho que mudar a minha maneira na mesma hora. Se noto que os alunos estão desinteressados, se eles estão indo para a desorganização, para o mau comportamento, não tenho que chamar para a aula, chamar a atenção, fazer um sermão, ameaçar. Não, isso é um caminho tradicional patriarcal. Tenho é que tomar consciência de que não estou conseguindo fascinar, não estou conseguindo chamar a atenção, não estou conseguindo a abertura do aluno para a emoção do saber e eu tenho que melhorar, que mudar a minha maneira de ser, aprimorar. Eu tenho que ser mais emocional, mais envolvido. Não posso me permitir que olhe nos olhos de um aluno e perceba um olhar indiferente. Se eu permitir isso



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

na classe, estou permitindo o não aprendizado e sei que ele vai fazer má prova. Sei que ele só vai tirar nota boa se colar, porque não está aprendendo, não está ligado, não está prestando atenção. Isso é o método. Mas o conteúdo muda extraordinariamente, porque o ensino transdisciplinar, então, invade o currículo. Você não pode chamar a atenção para uma matéria setorizada, ensinar aquilo com vivência, sem imediatamente ter uma ligação existencial, porque o currículo todo faz parte do conhecimento, o currículo faz parte da vida, o currículo tem aplicação. Eu não posso ensinar algo inútil que o aluno não saiba aplicar, eu tenho que subordinar a pedagogia à utilização. Tenho que ensinar algo que o aluno chegue em casa e diga: “Papai, nós vamos economizar luz porque eu tenho uma fórmula matemática aqui para calcular quanto de energia nós gastamos”. E o pai fica admirado: “Ô, meu Deus, eu pago essa mensalidade carinha da escola, mas olha o que esse menino traz”. É com o olhar de admiração desse pai que esse aluno vai voltar no dia seguinte e prestar mais atenção na aula. Então essa vivência da aplicabilidade, da utilidade do ensino é importantíssima. O professor não pode dizer coisas numa sala de aula que sente que seus alunos não vão aplicar de jeito nenhum. Não é aplicar daqui a 20 anos, tem que ser algo útil agora, para que eles apliquem socialmente, para que eles sintam a utilidade do saber. Eu cito no livro um exemplo de um neto meu, que é muito curioso e tem uma sensibilidade muito grande. Ele chegou um dia em casa e disse para a minha filha, que é médica: “Mamãe, eu não quero mais ir à escola porque a professora de geografia fica falando e eu tenho que decorar esses países, essas capitais, esses rios, essas montanhas. Mamãe, eu não quero isso, eu quero velejar, eu gosto do mar”. Ela teve uma inspiração de mãe, essas coisas emocionais, e disse: “Mas, meu filho, esses países que você aprende são o planeta, o planeta está dividido. Assim como você tem orelha, braço e perna, o planeta tem esses países e esses países são reunidos pelo mar. É esse mar que você adora que banha os continentes e esses oceanos têm esses nomes que a professora está ensinando e esses países estão em cada continente. Um dia, se você for um grande velejador, você vai atravessar os mares e vai conhecer, então, na África esses países, na Ásia esses outros e assim por diante. Agora, meu filho, lembra da sua aula de história em que estavam ensinando a Grécia e os deuses da Grécia? Lembra?”. “Lembro, mamãe, essa é outra aula chatíssima que eu não vejo relação com coisa alguma, não quero mais saber daquilo também”. “Mas lembra, filho, lembra do deus Cronos, que era o deus da agricultura na Grécia. Esse deus, meu filho, é que deu a vivência do tempo, porque ele não queria que o tempo passasse, só ele mandava, então ele engoliu os filhos. Já imaginou o seu pai querer engolir os filhos para o tempo não passar, para só ele mandar? Só que esse Cronos, meu filho, vê pelo relógio. Lembra da aula de matemática?”. “Ih, outra chatice, mãe, essa questão de tempo que estão ensinando agora, minutos, segundos. Não agüento, mãe”. “Mas, filho, o deus Cronos, você não está entendendo que é daí que vem o cronômetro?”. “É, mãe? O cronômetro do barco à vela?”. Porque ele só pensa no barco à vela. “É, o cronômetro vem do deus Cronos da Grécia, porque os antigos é que fizeram a civilização”. “Mãe, então quer dizer que a história está ligada com a geografia e com a matemática? Ah, mas essa escola está é muito boa, porque agora eu vou velejar melhor ainda sabendo essas coisas”. Aí lá se foi o Miguel de volta à escola, todo animado. Então o que entra, Manuel, é a reunião do currículo em função da vivência, em



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

função do símbolo. Aí os professores têm que se reunir e fazer uma articulação do currículo dentro da utilidade, do aproveitamento dos alunos. Não pode cada professor ficar ensinando a sua matéria de forma setORIZADA e separada, sem uma reunião, sem uma linguagem comum, em função da vivência e da aplicabilidade. Então, o currículo introduz muitas coisas diferentes para realizar essa vivência de reunião das matérias setoriais. Por exemplo, tudo o que se referir ao corpo humano, passar a usar os exemplos do corpo humano na matemática, nos milhões que se contêm os glóbulos brancos e os vermelhos, dos mil e dos milhões, que se conte a velocidade de circulação do sangue nos problemas de física, que se conte a vivência da respiração dentro da biologia em função do que eles respiram, a relação do oxigênio com o cérebro. Tudo é vivência, é o método, mas agora entra a modificação do currículo, inserido o corpo humano, sempre que for possível. Por quê? Porque é o *Antrophos*, é o nosso corpo no ensino. Nós estamos aprendendo a vida ao aprender o nosso corpo, não vamos aprender fórmulas de física ou de química em função delas próprias, que vão cair na prova para calcular reações químicas e operações físicas em função de uma bala que é atirada contra o horizonte e o movimento da Terra e tal. Não. Vamos estudar a aceleração do coração, o sangue, a propulsão para se chegar aos tecidos. Vamos dizer: “Agora, minha gente, vamos ver quanto tempo vocês ficam em apnéia”. Os alunos já se movimentam, é um exercício porque eles vão pescar depois, vão mergulhar, então eles já estão ligados. Aí ela conta: “Vamos lá, 45 segundos, 50, um minuto. Perfeitamente, agora vocês vão fazer uma polipnéia, vocês vão respirar aceleradamente e vamos contar agora outra apnéia”. A apnéia vai para um minuto e meio, vai para dois minutos. Vão dizer: “Dois minutos e dez pela polipnéia. O que aconteceu?”. Aí ela volta para o sangue, aí ela volta para a química, volta para a biologia, volta para a matemática e diz: “Vamos agora computar que essa polipnéia deu uma eliminação de gás carbônico que permitiu a vocês terem uma apnéia muito mais longa. É isso que faz o mergulhador. Quando vocês forem mergulhar para ver seus peixinhos lá no fundo do mar, vocês fazem uma polipnéia e vão ver o que acontece. Então, o cérebro tem um núcleo”. Aí vem o cérebro humano, a neurologia. As neurociências têm que acompanhar o ensino, nós temos que estar ligados, não podemos aprender que as coisas estão fora da gente. As neurociências têm que acompanhar o ensino diretamente, mostrando a correspondência dos arquétipos e os professores articulados dizem: “Veja, mas é isso que aparece na projeção dos mitos”. O quê? Os mitos, a aula de mitologia, de história, têm alguma que ver com o corpo humano? É claro, porque ele está dentro do sistema nervoso e é essa projeção nos mitos que fez a história. Aí dizem: “Nossa, esses arquétipos, então, são poderosos, professora?”. Ela vai dizer: “São mesmo e eles estão também nos sonhos. Vocês não sonham?”. “Eu sonho, professora”. “Então, alguém sonhou alguma coisa relacionada com a nossa matéria?”. Eu não estou dizendo que a gente vai fazer análise de sonho dos alunos, nada disso, vamos respeitar o subjetivo, trazê-lo de volta e respeitá-lo. Mas o que nós vamos fazer? Vamos trazer os sonhos para exemplificar: “Alguém sonhou com a nossa matéria?”. “Eu sonhei, professora, que tinha uma porção de luas em volta da Terra”. Galileu descobriu quatro luas em Júpiter. Sabe que esse homem foi perseguido porque descobriu isso? Então, a gente liga os sonhos, as emoções, o corpo humano ao conhecimento e os alunos não esquecem.



Universo do CONHECIMENTO

Planeta Terra: um olhar transdisciplinar

MANUEL – Eu vou ter que fazer uma última pergunta, porque já me avisaram que o nosso tempo está se esgotando. Eu pediria que o senhor fosse breve na resposta, apesar de talvez ser a pergunta mais difícil que apareceu aqui, pela complexidade. É uma pergunta formulada pela professora Inês Loureiro, coordenadora de pós-graduação de Psicologia da São Marcos. Ela pergunta: “Como conciliar, ou articular, essa noção de totalidade que o senhor expôs durante a conferência com a diferença cultural? Esse é um tema bastante contemporâneo, o tema da multiculturalidade e também da transdisciplinaridade, no conhecimento”. Como articular essa tendência para a totalidade que o senhor descreveu com essa miríade de formações culturais que nós testemunhamos hoje, às vezes redundando num pensamento mais científico, abordado aqui, mas por outro lado também às vezes em culturas que estão absolutamente alheias a esse pensamento científico e que pensam em termos exclusivamente religiosos, como a gente pode perfeitamente testemunhar hoje a partir dos conflitos que acontecem diariamente no mundo inteiro?

CARLOS BYINGTON – Então aí entra a habilidade do professor de reunir a multiplicidade na unidade, de reunir todas as coisas com um arquétipo central. Aí os professores têm que estar articulados para compreenderem que existe no sistema nervoso um arquétipo centralizador que reúne todo o conhecimento e aí repassar para os alunos a vivência de totalidade permanentemente. “Eu sou a professora falando”, estou dramatizando: “Meus queridos, estou com vocês aqui hoje e muitos dias também voltarei a conviver com vocês. Nós vamos aprender muitas coisas diferentes, mas tudo isso faz parte da personalidade, tudo isso faz parte da vida, tudo isso faz parte da nossa relação com a totalidade. Mas essas coisas tão diferentes que vocês vão aprender aqui na minha aula e nas outras matérias, essas coisas que são tão diferentes, estão todas ligadas, porque o ser humano, o ser de cada um de vocês, é único e é ele que está em jogo, é ele que está em formação. Cuidem bem dele e lembrem-se que um velhinho lá na Alemanha, longe daqui, que se chamava Heidegger”, aí ela escreve no quadro e diz que em alemão tem esse som. “Aquele velhinho disse que o que havia de mais importante no ser humano era a autenticidade, a verdade de cada um, essa verdade que vocês vão aprender em tantas matérias, que vocês vão reunir sempre com a verdade que está dentro de vocês, com essa totalidade. E é essa verdade que faz de vocês um ser humano único. Sejam fiéis a esse ser humano”. E aí sempre uma coisinha cultural para animar a classe, para estimular o estudo: “Como dizia o nosso famoso Shakespeare, aquele poeta do século 17, aquele grande poeta da Inglaterra, numa obra muito interessante que ele escreveu sobre o príncipe Hamlet, no conselho de um ministro a seu filho Polônios ele diz, e eu digo a vocês hoje: ‘Acima de tudo, sede fiel ao seu próprio ser e, assim, como a noite segue o dia, jamais sereis falso com qualquer pessoa’.”.